



Uma corrida de fundo

Todos dizem que ainda não está na hora, mas os políticos não pensam em outra coisa: a sucessão de Fernando Henrique Cardoso. O que os move este ano é o combustível da eleição municipal. O objetivo de quem se imagina em condições de entrar na competição é pegar uma carona na campanha e, se for possível, consolidar o que puder de imagem na opinião pública. Por isso, declarações, fatos, indícios, ações de um determinado ator, movimentos inesperados de outro concorrente potencial, tudo se transforma em variável para 2002.

A gripe, forte, que levou o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) ao hospital e ao internamento em uma suíte de hotel em São Paulo, foi interpretada como um fator desfavorável às suas ambições presidenciais.

Aos 72 anos, ele praticamente perdeu o direito de enfrentar dois episódios preocupantes de saúde em menos de seis meses (no ano passado, Antonio Carlos Magalhães foi internado com suspeitas, não confirmadas, de que sofria de câncer na próstata). Isto porque a corrida pela vaga de Fernando Henrique tem, como pressuposto, esperar três anos pela campanha, a eleição e a posse, e depois agüentar no mínimo mais quatro anos no exercício do mandato. Para um competidor como Antonio Carlos Magalhães, ter saúde e vigor é indispensável para convencer o eleitor de que chegará bem ao final de eventual mandato, quando terá 79 anos.

A condição de boa saúde parece indispen-

sável também para os jovens, como a governadora do Maranhão, Roseana Sarney. Tanto é assim que os formuladores da estratégia de lançamento do nome dela pelo PFL elegeram como prioridade o debate sobre as suas condições de saúde. A orientação é não esconder o que todo mundo que a conhece sabe: aos 45 anos, Roseana perdeu a conta das cirurgias que fez, a última em meio a campanha de reeleição de 1998 para livrar-se de um câncer. O objetivo é fixar no imaginário popular que ela se curou. A prova disso é o estilo enérgico de governar que a filha do ex-presidente José Sarney exhibe.

Os problemas de saúde não afligem somente os presidenciais do PFL. O partido do presidente Fernando Henrique, o PSDB, tem duas dificuldades nesse setor: o governador Mário Covas, que há um ano se submeteu a uma cirurgia radical da próstata e passou por um tratamento penoso. Embora ele tenha se recuperado, ficou uma dúvida que obviamente surgirá na campanha, se ele for candidato; e o ministro da Saúde, José Serra, cujo problema na área não é físico, mas político: resolver os problemas de saúde da população em geral.

Contra a vontade de Serra ou não, seu nome foi lançado provocando reações principalmente em seu partido. O governador do Ceará, Tasso Jereissati, abandonou o silêncio sobre o tema e alertou que além de Serra, Covas e ele próprio, os tucanos também têm a hipótese de uma composição com Ciro Gomes, que aparece como um dos favoritos nas pesquisas de opinião com 20% de apoio

popular. Ou seja, para quem acompanha o debate nos bastidores, Tasso deu um chega pra lá em Serra, ameaçando com Ciro Gomes. Mas essa não é uma posição consensual. "Se o Ciro quiser voltar para o PSDB, o receberemos com fogos, bandeirolas e banda de música; mas ele não pense que virá para cá para ser candidato a presidente. Isso nós já temos de sobra", adverte o deputado Márcio Fortes, secretário-geral do PSDB.

Para um debate que os políticos consideram prematuro e que afirmam sequer existir ("isso é invenção de jornalistas para esquentar a pauta do dia", diz o ministro Aloysio Nunes Ferreira), o movimento nos bastidores parece bem caloroso. Algumas análises e interpretações podem até ser precipitadas, mas por trás delas sempre se encontrará alguém interessado na sucessão. Esse é o caso de um dos sentidos atribuídos à briga que Serra comprou com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, por conta do aumento do preço dos remédios. Serra estaria se antecipando para queimar uma eventual candidatura de Malan, algo que seria perfeitamente factível na hipótese de que a economia continue a crescer e a aumentar a popularidade do governo. Se isso significar mais empregos e mais dinheiro no bolso do povo, o slogan "Malan Presidente" poderá se tornar inevitável, com uma vantagem para ele: de todos os nomes que surgiram até agora, Malan parece ser o único capaz de repetir sem muitas arestas a aliança PSDB-PFL-PMDB, que reelegeu Fernando Henrique. Os amigos de Malan dizem que quando posto diante da hipótese, o ministro garante que nem sua própria mãe apoiaria a ideia, o que revela, para quem é do ramo, que ele sabe que o momento é de se preservar o máximo possível.

■ e-mail: ariosto@agestado.com.br

"Malan Presidente"
será slogan inevitável
na sucessão de
Fernando Henrique se
houver mais emprego
e dinheiro no bolso